S. PAULO (BRASIL) | Sábado, 1 de fevereiro 1913 | ANO XII — N. 176

Publica-se aos sábados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Toda correspondência ao director



Balanço de 1912

LISBOA, 5 DE JANEIRO

Não é própriamente um balanço do ano, nem sequer um balancete da obra humana universal durante os fugidios doze meses que o calendário cristão fez terminar há cinco dias: não caberia isso num artigo e muito menos nas minhas fôrças. Trata-se apenas de um rápido relancear de olhos retrospectivo a alguns aspectos mais salientes da grande luta pela emancipação dos oprimidos.

Sob o ponto de vista anticlerical, o ano de 1912 abriu, neste extremo da Europa, pela grandiosa manifestação de 14 de janeiro, em resposta ás demonstrações de simpatia do dia de ano bom ao patriarca e em apôio das medidas do govêrno contra os bispos; para terminar bastante desageitadamente com a publicação da carta presidencial propondo a amnistia dos bispos castigados — publicação desastrada, em vista da atitude tomada pelo Estado em face da Igreja.

Mas foi com os seus ardentes episódios da questão social que o ano findo mais se distinguiu.

O mez de janeiro ficou, em Portugal, assinalado pelas greves rurais do sul e pelo feito de armas com que se ilustrou em Evora, no dia 24, a valente guarda republicana, proeza a que respondeu no dia 29, em Lisboa, Setubal e outras povoações do sul uma greve geral de solidariedade com as vítimas das violências da autoridade, de protesto contra as detenções de grevistas e contra a violação do direito de associação.

Esta digna greve de solidariedade e de protesto desorientou de todo o govêrno, que fantasiou nela os mais abracadabrantes intuitos e recorreu aos grandes meios dos tempos de guerra, depois de ter concordado numa solução pacífica que ia realizar-se!

E vieram as desvairadas medidas de terror: estado de sítio, suspensão de garantias, govêrno militar, censura prévia, espadeiramentos, formidável cêrco da Casa Sindical de Lisboa no aniversário da revolta republicana do Porto, centenas de presos nos porões dos navios, a calúnia infame e grotesca de manejo monárquico, a prisão de militantes operários mantida durante meses, para que, por fim, em maio, miseravelmente, na mais desoladora penúria de provas e de pretextos, o govêrno se agarrasse á táboa salvadora da amnistia... para si mesmo.

Depois, em 29 de maio rebentou a greve do pessoal dos eléctricos e ascensores de Lisboa, que um mês depois, sob o falso pretexto da garantia da «liberdade de trabalho» — quem os havia de supôr defensores do trabalho livre! — foi esmagada violentamente pelo então recêm-formado ministério, hoje demissionário. E mais um mês de cadeia, sem provas, sem culpa formada, sem julgamento, sem as formalidades do estilo; enfim, a um certo número de militantes sindicalistas — que o govêrno, cuja firmeza as classes conservadoras tanto louvaram, queria á fôrça ver pronunciados e condenados, mesmo sem motivos.

Em julho, tivemos a liquidação fácil da aventura couceirista, com franco regozijo, não só para os puros republicanos, mas para todos os homens de progresso e para todos os que desejam ver o terreno da luta social varrido da arcaica questão rialenga e do «perigo monárquico» explorado pelos políticos.

Mas tudo foi modesto e reduzido, diante dos sucessos sociais da Europa e do mundo.

Entre as greves, não citarei senão algumas das que marcaram época. Tais foram, as de 29 de fevereiro, a 8 de abril e a grande greve dos mineiros ingleses; em março, a dos ferro-viários andaluzes e dos mineiros da Boêmia; em maio, uma violenta greve geral política em Budapest, a grande gréve dos descarregadares de Londres e de novo a dos ferro-viários andaluzes; em junho, greves em Almeria, dos mineiros de Oviedo e de ferro-viários em Boston; em setembro, a dos ferro-viários espanhóis, logrados por Canalejas, com o auxílio de politicantes e «vivedores»; em outubro, a greve dos tipógrafos de Milão. E não falo nas que tivestes perto de vós, no Brasil e na Argentina.

Mas entre todos êsses movimentos sobressai, pelo seu alcance, pela ideia revolucionária que a move, a grandiosa e ardente agitação contra a guerra, contra os manejos da diplomacia, dos financeiros e dos govêrnos, tendentes a provocar entre os povos dos países industriais mais adiantados uma espantosa carnificina, que afogaria em sangue os actuais anceios de emancipação e faria recuar, talvez por meio século, a nossa trabalhosa civilização moral, fruto de tantas penas, tantas dedicações, tantos martírios.

A nota mais propulsora e revolucionária foi dada pelo operariado de França, pela Confederação Geral do Trabalho, com o seu congresso extraordinário de 24 e 25 de novembro e a sua gréve preventiva de 16 de dezembro, para sempre memoráveis. O clamor foi lançado e certamente ouvido: o proletariado não marchará para a guerra entre povos, entre irmãos — mas, se a isso o quizerem constranger, marchará contra os seus tiranos e exploradores. Que se batam entre si, se lhes apraz, os donos de pátrias, os corvos e tubarões. Que formem regimentos os financeiros, os governantes, os diplomatas, os industriais, os deputados, os parasitas burocratas e capitalistas.

Em suma, não nos desanima o ano de graça de 1912. Foram 12 meses de esforços e de sementeira. Foi um ano de vitórias, porque foi um ano de lutas, sempre renovadas.

Não há derrotas quando se persiste na luta, quando as energias renascem e se multiplicam. Não há derrotas para as fôrças do futuro, porque para elas a vitória caminha com o próprio tempo.

As potências de opressão foram rudemente sacudidas, trovejou sonoramente a voz da liberdade e da revolta — contra todas as formas de tirania, contra o banditismo dos exploradores, contra o despotismo dos govêrnos, contra a mentira dos bonzos.

Sempre para a frente, pois!

Neno Vasco.

Grito do coração



— Sr. vigario, roubaram da igreja o cofre das esmolas das almas!

— Ai! que desgraça, se tiraram o dinheiro das almas, o que vai ser de nós?!

GALEGOS, CARCAMANOS E GRINGOS

São de uma força, de uma lógica de argumentação pasmosa quando defendem os seus sórdidos interesses os srs. patriotas.

Pois não é que estão a morder a valer os seus colegas da outra banda do Atlantico, só porque estes não querem que para cá venham os galegos, carcamanos e os gringos seus compatriotas!

Nos seus jornais só se leem lamentações, gritos de indignação e de desespero, ameaças mesmo por causa de medidas por eles tomadas com respeito á emigração.

E' um gosto ouvi-los argumentar. Se se agarram a Afonso Costa, é um detestavel e abominavel sujeito, um vulgar demagogo, um carbonario; se a Bernardino Machado, uma cousa qualquer p'ra'i; se a Prineti, se a Romanones, idem, idem.

E' um verdadeiro bando de gansos, de pescoços tesos e de bicos abertos a grasnar com o ar pateta que distingue estas aves palmipedes.

Ah! clamam, a coisa não será assim. Querem nos privar dos imigrantes; querem que o Brazil não tenha gente para colhêr o seu rico café. Veremos!

E havemos mesmo de vêr que acabarão ameaçando estes senhores e os seus respectivos paises com os canhões do *S. Paulo* e do *Minas*, como dizem que fizera ha tempo um ex-ministro brazileiro em Paris com o então presidente do Conselho francez. A cousa foi de um ridiculo imenso...

Diante da ameaça quixotesca, o ministro sorriu e respondeu: «pois bem, excelencia, agora só tenho que prevenir os meus colegas da guerra e da marinha para que eles ponham os nossos portos em estado de defesa contra o ataque da esquadra brazileira...»

Quem duvidar, procure na colecção do *Jornal do Comercio* que lá encontrará o facto melhor narrado, bastando acrescentar que naquela época ainda não possuiamos estas maquinas. Que não farão agora que a sua curteza de vista os leva a supôr que teem uma esquadra formidavel.

O' patriotas, vocês são mesmos umas aguias! Pois então vocês fazem uma lei para poderem á vontade recambiar para lá os operarios que já não teem uma venda diante dos olhos; querem que o pessoal volte a perturbar o sono dos vossos bemaventurados colegas?

Pois não veem, não percebem que desembaraçar-se desta gente é a maior preocupação, o desejo de todos os dias dos tubarões grandes e pequenos que governam hoje o mundo?

Berrais *urbi et orbi* que precisais de gente para a lavoura, para plantar o café, a estimada rubiacea com que vos regalais ao deixar o leito macio pela manhã alta; que necessitais de fabricas que teçam a batista fina com que haveis de cobrir a pele rosada e assetinada das vossas esposas, das vossas amantes.

Muito bem.

Tendes, não há duvida, muitissima razão de gostar do que é bom, lá isso tendes. Eu pela minha parte tambem gosto destas coisas. Haveis de convir, entretanto, que aqueles que para aqui vêm tambem são filhos de Deus.

Ah! estou a ouvir responderme em côro, cheios de indignação, os bons patriotas:

— Querem tambem comer como nós! então vão para suas terras, *seus* galegos, *seus* carcamanos, *seus* gringos. Fóra anarquistas!

Rio, 26 — 1 — 913

Adrecal.

O Vaticano

O Vaticano mede uma circumterencia de mais de dois kilometros.

Contêm 11.000 compartimentos; 4.422 grandes e 6.579 menores; 20 pateos; 204 escadarias, grandiosas galerias, imensos e perfumados jardins; um grande museu de pintura, outro de esculptura e outro de antiguidades, que valem milhões.

A biblioteca é a mais completa e rica do mundo. A capela Sixtina, por si só constitue um verdadeiro tesouro.

O barrete ou tiára pontificia está adornada com 10 rubis, 24 perolas e 1 esmeralda: a cruz que tem como remate é formada de 12 brilhantes. O brilhante principal que corôa a tiára é do volume de uma nóz. Esta joia foi comprada por Julio II no seculo XVI pela quantia de 20.000 ducados.

Cerca do Vaticano ha um arsenal chamado Boa-viste.

Nele estão á disposição de s. s. 122 baterias, 9.200 granadas e um sem numero de artilheiros.

O gasto diario do papa é calculado em tres contos de réis, ou sejam mil noventa e cinco contos ao ano.

Desde 1.860 a 1.900 o dinheiro de S. Pedro, ou seja o recolhido da esmola em quarenta anos, ascendeu a cinco milhões de francos.

Do altar ao prego!

Vou dar uma noticia que, se não fosse facil comprova-la, todos julgariam uma calunia.

Eis o que com efeito acontece.

Na casa de penhores do cidadão João Favas, em Coimbra, encontra-se uma porção de santos, de aspectos e tamanhos diversos, que são o alvo de todas as atenções.

Entre eles está um S. João Batista, quasi do meu tamanho, um bispo de mitra e báculo, talvez Santo Agostinho, e uma Nossa Senhora, já desbotada, mas na grave posição de quem dá de mamar ao criador e redentor do mundo! Quando eu descobri, anichados a um canto, aquelas misticas figuras, á mistura com baldes e *bidets*, lançando os seus divinos olhos áquele montão de coisas varias, onde o mais que se vê são miserias humanas, entulho social, alegrias desfeitas, orgulho decaído, casos de desespero, coisas, enfim, que se não podem traduzir; quando eu, pois, as descobri, no triste olvido do seu canto, benzi-me duas vezes, com a mão direita aberta, da testa ao peito e do ombro esquerdo ao direito!

A que estado chegou a religião da Igreja! Em que triste miseria vão caíndo as coisas do senhor!

Pois então esses santos, de prodigiosos feitos, de poder tão excelso, que tanta vez acudiram á humanidade aflicta, não terão cá na terra um olho que os veja? Não haverá no mundo uma alma compadecida que ali vá resgata-los? restitui-los ao altar e ao culto publico? leva-los para Deus?

Eles, que em tantos casos suspenderam as leis naturais, que tanta vez mudaram o curso aos rios e aos factos, que a tantos cegos deram vista, a tantos tristes alegrias, pão a tantos famintos, vigor a tantos alquebrados; que tanta vez recuperaram faculdades abaladas, aliviaram dores insofridas, dando fala aos mudos, ouvido aos surdos, pernas aos coxos, juizo aos doidos, ali foram cair, numa casa de prego, sujeitos á zombaria da plebe, aos insultos da canalha, á troca da heresia, á gargalhada do cinismo!

Eles, que foram deuses omnipotentes, expostos agora ao óbolo de quem quizer compra-los!

S. João, que batizara Deus e o anunciara como tal, chegando mesmo a perder a cabeça pela fé, não tem agora quem lhe deite um olhar de compaixão. A *voz que clamava no deserto*, reduzida ao silencio, na galeria mercantil de uma casa de prego!

Divino precursor, primo e amigo de Deus? Isso que vale, se a realidade é aquilo: um mono silencioso, em meio de outros monos igualmente silenciosos e avelhados.

E todavia, quantos principes e reis terão beijado aqueles pés, adorado aquela imagem, pedindo-lhe juizo e entendimento? Quantos padres, quantos conegos, quantos bispos o terão venerado e suplicado, de mãos erguidas e joelhos em terra?

Pois não obstante tudo isso, ele ali está despido e solitario, para sempre apeado do seu altar, expulso do seu templo, privado dos seus crentes e ofertas respectivas. Triste, não é verdade?

Mas que direis então da Virgem Imaculada, igualmente deposta do seu trono? Que pensareis da Mãe de Deus, igualmente esquecida entre esses monos, encalhada e poeirenta, sem recato nem defesa, encostada a um figurão de mitra como qualquer mundana deste seculo, exposta á zombaria dos descrentes?

Durante o curto espaço que á vista deste grupo me detive, ponderando estas coisas tremendas e sacrilegas, pessoas varias desfilaram, deitando olhares perscrutadores, inquirindo alguns deles os preços das figuras.

— Quanto quer cá pelo sujeito? perguntou um academico, apontando para o bispo da mitra. — E este figurão, quanto é que vale? indagou um sujeito baixo e gordo, passando a mão pelo ombro do Batista. Outro, de bigode ruivo e chapéu mole, perguntou, apontando com o chapéu de chuva para Nossa Senhora: Quanto quer cá por este mono? E este *gajo* do lado?

Benzi-me de novo! O comprador apontava para um pobre e miseravel santo da côrte do céu, martir pela segunda vez, pois tinha os braços e as pernas partidas, sem duvida na execução de algum milagre mais dificil.

Que escandalo tremendo! que punhaladas na fé! que desastre para a seriedade do culto!

⁂

Ha pouco tempo ainda, diante destes santos, ninguem comparecia senão de rastos e com profunda unção religiosa. Os crentes, humilhados, só se aproximavam deles gemendo e chorando, com uma vela acesa ou um rosario bento. Eram louvados com *te-deums* e turiferados com incenso. Os homens só se correspondiam com eles entoando-lhes hinos de gloria ao som de musicas celestes.

E hoje? Vêde como na frente deles passa toda essa gente. Uns descalços, outros em mangas de camisa; este em chinelos, aquele em tamancos e todos de chapéu na cabeça e cigarro no beiço, conversando em voz alta.

Nenhuma devoção, nenhum respeito!

Uns voltam as costas, outros jogam chalaças e todos passam adiante, sem uma genuflexão, sem uma reza, não havendo mesmo quem se benza, ou diga — amen!

Em certa altura chega uma pobre velha. E quando eu julgava vê-la cair de joelhos, numa suplica fervente á Mãe de Deus, apenas noto que ela se dirige ao sr. Favas, a propôr-lhe o penhor daquele embrulho, sem duvida para vêr se ainda almoçava naquele dia.

E como ela, todos os mais que entram: olham as imagens, sorriem e passam comerciando... — Quanto custa este jarro? Por quanto deixa o cobertor?... Veja se póde fazer algum desconto neste catre... E o sr. Favas, sempre de lado para lado, apenas diz, a todos: — São preços fixos. Se lhe serve...

⁂

Mas o peor não está ainda aqui.

Reparem nisto agora: amanhã o sr. Favas ha de fazer o seu leilão. Imaginem pois o leiloeiro deitando a mão ao pescoço do bispo e dizendo: Santo Agostinho, bispo e doutor da Igreja: dois tostões!... Está em doze vintens!... Ninguem dá mais? Doze vintens!... Depois, voltando-se para o grande Batista: O precursor de Cristo e o maior santo da côrte do céu: quatrocentos réis!... Cinco tostões?... — até que o levam num saco ou numa padiola, por menos do que se compra um alqueire de batatas ou a lingua de um porco!

Em seguida, o mesmo leiloeiro ha de deitar a mão á pobre Virgem e ao seu menino, clamando, do alto, á multidão, lívida de pavor: — A Imaculada Conceição: sete vintens e meio?...

Horrivel, srs. padres! Simplesmente horroroso, sr. bispo!

E o paço episcopal mesmo pegado. E a Sé mesmo na frente! E o seminario mais alêm, onde os ordenandos hão-de saber do facto, perdendo assim muito da sua fé, no que respeita ao culto das imagens e á eficacia das mesmas.

Porque — reparem bem — aquilo é somente a santidade a preço e a divindade em hasta publica.

E lembrar-me eu das grandes festas, do culto fervoroso que se dispensava ás imagens dos santos e da Virgem, no meu tempo de seminarista!

Nessa época, não havia por lá um unico santo — e mais não tinham a majestade nem a grandeza que estes teem — que não tivesse o seu altar, com o seu nicho e a sua vela acesa, havendo ainda, em frente de todos eles, alumiando-os, ricas alampadas suspensas, que ardiam sempre, noite e dia, de verão e de inverno.

Comparai pois o destino glorioso desses bem-aventurados com a desdita destes martires. Uns glorificados e adorados, incensados pelos padres e presenteados pelas damas, tendo em sua frente alampadas brilhantes e tapetes riquissimos aos pés, cercados de esplendores e de atenções, em altares de prata, com colunas de mermore precioso, e outros apodrecendo, como estes, no olvido e na miseria mais flagrante, vendo apenas em sua frente quinquilharias varias; saias e calças já rafadas, cheirando a vicio e a heresia; baldes e potes de usos os mais diversos; malas e alfarrabios, torneiras e panelas, espelhos e regadores, almofadas e chales, chapéus e sobretudos, coisas de pobres e de ricos, objectos de adorno e de conforto, brinquedos e uten-

Falam pocilgas de operarios

Crianças rotas, sem abrigo...
A enxerga é pobre e a roupa é leve...
Quarto sem luz, mesa sem trigo...
Quem é que bate ao meu postigo?
— A neve!

A usura rouba a luz e o ar
E o negro pão que a gente come...
Inverno vil... Parou o tear...
Quem vem sentar-se no meu lar?
— A Fome!

Lume apagado e o berço em pranto
Na terra úmida, Senhor!
A mãe sem leite... o pai a um canto...
Quem vem além, torva de espanto?
— A Dor!

Alcool! Veneno que conforta,
Monstro satanico e sublime!...
Beber! beber... e a magoa é morta...
Quem é que espreita á nossa porta?
— O Crime!

Doze anos já, e seminua!
A mãe, que é dela?... O pai no oficio...
Corpo em botão d'aurora e lua!...
Quem canta além naquela rua?
— O Vicio!

A fome e o frio, a dôr e a usura,
O vicio e o crime... ignobil sorte!
Oh vida negra! Oh vida dura!...
Deus! quem consola a Desventura?
— A Morte!

Guerra Junqueiro.

silios, trastes, enfim, para todo o mister.

Alêm disso, em frente das imagens, uma serie de leitos de todos os tamanhos e maciezas. E a Rainha dos Anjos, que já vira a seus pés as multidões rendidas, cantando ladainhas com os padres, entre infinitas luzes e espirais de incenso, apenas tem, para fixar os olhos, esses leitos mundanos, onde dormiram já muitas mulheres formosas e se mostraram muitos corpos, que em seguida se entregaram a homens libertinos, que neles se rebolaram, em delirios de amor e ardentes de luxuria, em longas e repetidas saturnais!

Quantos e quantos desses leitos, donde a Mãe do Senhor não tira nunca os olhos pudicos, viram gemer corpos de virgens, soluçando ternuras ou derramando lagrimas? Quanta miseria humana? quantas fraquezas da carne? quantos sonhos do espirito?

Ah! nem eu quero pensar nisso. Penso apenas na situação da Imaculada, esquecida de todos, dos padres e dos bispos, da Igreja e do Senhor, que assim a deixam apodrecer e escarnecer, naquelle montão de coisas torvas, aos ratos e ás moscas, ás aranhas e ao pó.

Que ela — diga-se de passagem — tambem tem seu bocado de culpa. Pois porque não fez ela como em tempos antigos, quando saia dos templos, muitas vezes até pelo telhado, quando não era pela fechadura, indo anichar-se pelos vales, em tocos de castanheiros?

No meu concelho fez ela isso varias vezes.

E noutras partes? e outras coisas ainda mais prodigiosas, que eu omito apenas para não maçar mais o leitor paciente?

Por isso eu, á vista destes factos tão estranhos, é natural que pergunte: Porque não foge ela ao sr. Favas e vai anichar-se ali na Sé? São dois passos apenas. Não póde fugir pelo telhado? Mas não é preciso: a porta está aberta a toda a hora e, para quem tem o dom da invisibilidade, nada mais facil neste mundo.

Depois, havia nisso uma dupla vantagem — para ela e para a cristandade: mudava de situação e ferrava um calote ao sr. Favas, por ele a ter comprado, a ela que é soberana dos homens e do mundo.

Porque o não fez desde logo? Porque o não faz ainda?

Responda a isto o sr. reitor do seminario, que é muito entendido em teologia, porque nós não sabemos responder sem contestar e beliscar nos divinos poderes da Imaculada...

Para honra da Igreja e manutenção do culto publico, fico esperando a resposta do grande teologo e não menos abalizado metafisico, que nesse mesmo dia eu encontrei, em frente da dita casa de penhores, com um dedo no queixo e um guarda-sol na mão, na atitude de quem rumina um alto problema ou define um

Tomás da Fonseca.

O celibato dos padres

Discussão entre Muley-Hafid e um eclesiastico

O ex-sultão de Marrocos, a quem varios jornalistas interrogaram, em Marselha, acêrca das prescrições religiosas do Alcorão, respondeu-lhes:

— Mas é a jornalistas ou a padres que eu falo? Apresentem-me um eclesiastico, e eu discutirei a questão com ele.

O desejo de Hafid foi satisfeito em Vichy, onde ele discutiu, durante uma hora, com um jovem sacerdote, a respeito de catolicismo e de protestantismo. A conversa, que se efectuou no salão da quinta, reuniu em torno do ex-soberano todo o seu sequito, que se interessou vivamente pela discussão. Contra o que mais se insurgia Muley Hafid era contra o voto de castidade pronunciado pelos padres, voto que, no seu entender, era inobservavel, por ser contra a natureza. E argumentava:

— Em que sagradas escrituras aparece imposta essa obrigação? Foi o seu profeta que a prescreveu? Não. Os senhores não são, portanto, forçados a observa-la. Para nós só é lei o que está escrito no Alcorão, ao qual ninguem ousaria acrescentar uma palavra. O mesmo deve dar-se com os senhores, porque ninguem tem o direito de modificar a palavra de Deus. De resto, os padres da Siria, da China e de todo o Oriente são casados. O padre, como qualquer outro homem, tem o dever de se conformar com o primeiro dever natural da humanidade, que é o de procriar. O proprio Deus dos senhores o disse. O padre que pretende conservar-se casto falta ao seu principal dever.

Como Hafid se admirasse de que fosse possivel a um homem tomar e manter tal compromisso, e o eclesiastico lhe respondesse que para isso bastava a força de vontade, o ex-sultão observou-lhe com energia:

— Não ha vontade, por mais forte que seja, que se possa considerar superior á natureza.

Muley-Hafid, que é forte em teologia, e ao mesmo tempo um verdadeiro scismatico da religião muçulmana, discutiu prolongadamente sobre protestantismo e catolicismo, achando o rito luterano muito mais logico do que o catolico. E queria continuar a discussão, do que o impediu o diabo do protocolo, representado pelo sr. Oudaille, que amavelmente o advertiu de que eram horas de ir vêr o tiro aos pombos, divertimento que lhe pareceu mais barbaro do que atirar homens ás feras...

O conto da semana

A ESMOLA

No primeiro andar, aonde se sobe por uma escada obscura e fétida, é apenas um quarto para a mãe e para os quatro pequenos: para entrar, tem a gente de se baixar, pois ha roupa dependurada em todos os sentidos A mãe é distribuidora de pão, e tambem serviçal aos dias, e ainda engomadeira. Que remedio tem uma mulher senão mexer-se, quando tem quatro filhos e o pai deles a deixou p'r'ali, um dia, para correr atrás de alguma desvergonhada!

Ora neste momento está doente a mais velha, gravemente, muito palida, e tam magra, a pobre pequenita, na grande cama de madeira que ocupa metade do alojamento!

— E' uma desgraça, minha boa senhora!

Ah! sim, é uma desgraça e desgraça que não se vai; sempre a doença: quando não é um, é outro; sangue viciado, sangue de alcoolico, sangue de pobre, que não se tem tempo nem meios de fortalecer...

Tomei nas mãos a mão ardente e humida da doentinha; nas largas pupilas abertas sobre mim, vagamente, leio muitas miserias passadas e futuras; sobre o pobre rosto, onde são grandes demais os olhos, e sobre todos os ossos desse esqueleto de criança, ressaindo sob o lençol como sob uma mortalha, conto todas as lagrimas, e todas as revoltas, e todos os odios dum ser votado ao infortunio, e que contudo não pedira a vida!...

— Ai! que desejo de morte bemfazejo se levanta em mim!...

Turvam-se-me os olhares; e a mãe, que espreita ansiosamente a minha impressão, arrasta-me para um canto, do outro lado da roupa estendida...

— Não a acha bem, pois não?... O doutor vem cá duas vezes por dia... Fiz bem em quere-la em casa, não acha? Lembra-se de como ela sempre teve tanto medo do hospital?... Minha pobre Mariquinhas! E' uma desgraça contínua, meu Deus!... Justamente quando eu me levantava das minhas dores, começou ela: não saimos disto, minha senhora!

Faço algumas perguntas: modo de mostrar o meu interesse. As palavras ficam-me estranguladas na garganta, sufoca-me a vergonha... sim, com efeito, a vergonha de mim, do meu bem-estar, da simpatia banal que trago a este sofrimento e que vai evaporar-se daqui á pouco, ao ar fresco; sinto-me responsavel, agora... Pesa-me o meu superfluo, o meu superfluo que sugou gota a gota, para se nutrir, toda a alegria dos pobres!...

Não me julguei eu boa ao vir aqui, com a esmola de um pouco de tempo, de um pouco de dinheiro, de um pouco de coração?... Não me julguei boa, quando não fazia mais do que pagar mal uma divida imensa?

Quando formulo, desageitadamente, algumas frases de esperança, ouço por cima da cabeça três pancadas distintas:

— Que é aquilo?

— E' a vizinha de cima, uma pobre velha que está ha muito tempo de cama e sozinha... Quando precisa de alguma coisa, bate no soalho. Desculpe, minha senhora, deixo-a por um instante; não posso mandar lá as crianças; são muito pequenas, bem vê. Se quer ficar ao pé da minha doentinha até eu voltar, irei mais sossegada.

Subiu, a boa mulher...

E quando voltou, garanto-vos que senti vontade de lhe estender a mão e de mendigar:

— Esmola, mulher, uma esmola!... Somos nós os verdadeiros pobres, os pobres de coração... Dê-nos da sua riqueza, ensine-nos a bondade, a fraternidade, a bela e grande solidariedade de que nós falamos, sim, mas que só você pratica, com toda a simplicidade de coração, sem lhe dizer o nome....

Andréa Demolliens.

KROPÓTKINE

Anuncia-se a vinda de Kropótkine a Lisboa. Deveria ser um facto que a ninguem deixasse indiferente. Já tive ocasião de assinalar que Kropótkine é, porventura, neste momento, o maior homem, vivo, de que o mundo tem direito de se orgulhar. A conjunção do talento e do caracter é, em nossas eras, a justificação dos maximos prestigios. Foi por isso que Victor Hugo foi o maior homem do seu seculo. Foi por isso que Tolstoi, morto o autor dos *Miseraveis*, lhe sucedeu nessa supremacia espiritual, que nenhum poder decreta, nem nenhuma Academia, nenhum Congresso pode outorgar. Hoje, Kropótkine possue-a. E' o Pontifice da alma moderna, — que não habita num palacio, não se reveste de aparencias imperiais, antes, pelo contrario, numa modesta habitação de Londres, proscrito, pobre, repelido por uma sociedade conservadora que teme o seu verbo e só o procura ferir com o seu odio, por não ter razões para o refutar, atravessa, no fim da vida, um calvario do gloriosos sofrimentos que representa a sanção historica da sua doutrina.

E' essa situação humilde e dura que o coloca acima dos outros homens, quasi tanto como o fulgor do seu genio e a beleza da sua bondade...

⁂

Que diz Kropótkine? Que préga Kropótkine? Que fez Kropótkine? Uma palavra o diria: amor. No seu enternecido coração slavo, ha reservas de amor imenso. A sciencia, árida em tantos dos seus aspectos, não esfriou o sentimento poderoso que o anima. E' ler as suas *Palavras dum revoltado*. São conselhos, estimulos do filosofo, — mas com que veemente eloquencia expressos! Ele dirige-se aos homens procurando fazer vibrar no seu coração as fibras da piedade. Confere-lhe a razão o poder de convencer; mas é no seu proprio coração que busca o poder de emocionar. Temperamento primacial de apostolo, conhece a força que no sentimento se origina. E' um sabio? Sem duvida, mas é tambem um poeta, no que esta designação pode conter de mais doce, de mais humano, de mais ideal. A grandeza da sua personalidade vem desta adaptação da alma que se comove e canta, com o cerebro que reflecte e cria.

Foi assim que ele conseguiu ser o homem que, em nossos tempos, soube dizer a ultima palavra sobre a redenção humana. Pertence-lhe essa suprema gloria. Do conflito de tantas doutrinas, da aparente contradição das filosofias, do embate de tantos pensamentos liquidando numa luta de tantas paixões, ele soube tirar a formula precisa, a expressão exacta das aspirações da humanidade. Ha no mundo meia duzia de verdades primaciais. A ultima, e a mais perfeita, definiu-a ele.

E' o termo logico duma sucessão de descobertas tangiveis e de ideais entrevistas? Sem duvida. Temos, porêm, a reedição do ovo de Colombo. O que esse descobridor dum mundo demonstrou, demonstrou-o, em mais alta esfera, mas com igual simplicidade, este descobridor do Futuro. Quando fixou a formula magnifica «a cada um segundo as suas necessidades», Kropótkine apresentou a chave dos destinos sociais, destruiu uma Babel de iniquidades e deu-nos a segurança dum mundo melhor, embora distante. Porque a dificuldade não está em vencer uma batalha, embora tão formidavel que torne sua arena o mundo inteiro. A dificuldade está em encontrar uma solução justa e simples a um problema complicado e terrivel.

O seculo XIX foi o seculo do Problema Social, como o seculo XVIII fôra o seculo do Problema Politico. Assim como o seculo XVIII não liquidou o seu problema, assim tambem o seculo XIX não liquidou o seu. Mas ambos o resolveram, apresentando-lhe a solução. O trabalho da Humanidade é agora relativamente facil. Trata-se apenas, para o braço invencivel dos povos, duma demolição apontada.

Assim como a evolução da Ideia, no dominio politico, se coroou com as concretizações da Enciclopedia, assim a evolução da Ideia, no dominio economico, se coroou com os livros de Kropótkine. Ele teve os seus precursores, como os enciclopedistas os tiveram. O seculo transacto alvoreceu com as indistintas aspirações de Babeuf; segue-se-lhe a pléiade dos utopistas, puros filosofos, como Fourier; revolucionarios, como Blanqui; doutrinarios, como Lassalle, até que Proudhon formula resolutamente a negação do Estado no futuro. Com Karl Marx irrompeu o socialismo scientifico. A sua formula; «a cada um segundo o seu trabalho» é um grande passo dado no dominio da justiça social. Mas não é inteiramente justa, e a sua falha permite precisamente a Kropótkine a fixação de uma verdade perfeita. Kropótkine reconhece que antes do fenomeno da *produção* se manifestou o da *necessidade*, que a terra produz tudo quanto é necessario á satisfação integral de todo o genero humano, e assim demonstra o erro do principio colectivista, que, embora abolindo o privilegio das castas, o predominio das classes, todavia protege exclusivamente os aptos e os fortes. «A cada um segundo as suas necessidades!» E' o reconhecimento pleno do direito á vida; é a deposição de todas as distinções perante esse principio de absoluto amor e imortal justiça; é o segredo de uma humanidade feliz, em que todos os atritos devem desaparecer na extinção de todas as miserias, na harmonia entrevista de uma serenidade perfeita, que é a unica ordem e a suprema paz...

⁂

E' este homem — é este filosofo, este sabio, este apostolo, este evangelista — que vem, segundo se anuncia, a Portugal, onde se demorará algum tempo. Descansem os que, por um imperfeito conhecimento da sua doutrina e da sua acção, o possam visionar como um truculento destruidor de vidas e fazendas. Kropótkine é uma voz clamorosa de principios. Teem-se praticado atentados em nome desses principios, uns embora dolorosos, outros absolutamente dementados.

Não se podem responsabilizar os doutrinadores por excessos, loucuras ou mesmo monstruosos crimes praticados por individuos que das suas doutrinas se reclamem. Se assim fôra, as sociedades mais religiosas de todos os tempos teriam queimado a efigie do proprio Cristo, em cujo nome Jacques Clément e Ravaillac se permitiram levantar o punhal dos regicidios. Nunca se apontou a Kropótkine a responsabilidade em qualquer atentado, directamente visando a vida de um ser, fosse ele o mais odioso e o mais perverso.

Se Kropótkine nos honrar com a sua visita, teremos, como hospede, sob o belo céu de Portugal, em terra que pelo seu ardente amor á Liberdade e ao Progresso caminha para o futuro que ele visiona, um grande sabio, um grande espirito.

Assim o consideraremos todos, porque o que teremos na nossa presença será uma particula radiante em que se define e sublima o proprio genio da humanidade, a que ele e nós pertencemos.

Mayer Garção.

Lisboa, 27 — 12 — 1912.

A "Lanterna" diaria

Caro Edgard
Saúde.

A tua ideia expendida muitas vezes entre os camaradas mais intimos, tua aspiração, de longa data, hoje concretizada numa iniciativa que deixa por completo de ser problematica para tornar-se realidade, não podia por mais tempo estar estagnada, dado o incremento dia a dia mais acentuado das opressões da horda de parasitas contra o povo trabalhador e especialmente contra todos que pensam com isenção de animo.

Muito propositalmente e contra a minha vontade deixei para hoje a resposta do questionario por ti feito na *Lanterna* de n. 172. E tu, mais que ninguem, sabes o motivo. Hoje, porém, que em torno dessa iniciativa grandiosa começam a chegar os primeiros aplausos e *ipso-facto* a determinar-se a quantidade das acções correspondentes ás posses de cada um, venho, não direi esclarecer coisa abguma, no entanto, demonstrar se tal é possivel, o valor extraordinario, inconfundivel da *Lanterna* transformada em diario.

Num paiz como éste, onde a imprensa burguesa é por excelencia venal, onde a opressão se vai cada vez mais fortemente fazendo sentir, onde este cancro imundo — o clero, tem guarida e manda com extraordinario assombro, impondo tudo quanto lhe convém, num paiz, repito ainda, onde a imprensa burguesa, a que existe, não concede o menor agazalho á nossa mais insignificante reclamação e é defensora sistematica daqueles que exploram o povo, a *Lanterna* diaria deve ser a aspiração de todo homem livre que não queira conformar-se com o actual estado de coisas, cada vez mais asfixiante.

Ela será como o é hoje, e com maior proveito, a intrépida defensora das classes produtoras, estigmatizando todos aqueles que cometerem arbitrariedades, como acontece diariamente e que, diante de tais absurdos, temos ficado sem uma defesa, sem um protesto á altura da iniquidade.

Entendo eu que todo o homem livre deve e tem por obrigação concorrer com o seu auxilio para tão util iniciativa.

Quantos atentados á liberdade de pensamento, quantos crimes têm sido praticados pela trindade infame que atrofia todas as energias, e no entanto ficam no silencio, abafados por completo, porque não existe na imprensa diaria, a que melhores informes poderia fornecer, um unico jornal que, com criterio, trate de assuntos que não estejam nos moldes das suas desmedidas ambições.

E assim a razão é sufocada, o direito não existe se não para os grandes, e nós ficamos impotentes ante as forças burguesas que se congregam, se aliam, com a maior facilidade e brevidade quando se trata de levantar trincheiras á onda dos revoltados no caminho das reivindicações sociais.

A *Lanterna* semanal não preenche essa lacuna formidavel que só poderá ser preenchida com a sua transformação em jornal diario.

Com a circulação que têm, enorme, extraordinaria, terá um importante papel a representar, terá muito a fazer, terá emfim uma missão elevadissima, muito especialmente pelo facto de reunir os colaboradores mais em evidencia no campo da sociologia e ainda por ser compilada por aqueles que sentem e pensam, e a farão diaria com o intuito de nela concentrar suas energias para a defeza dos oprimidos.

Só assim teremos quem se ponha no campo, de escalpelo em punho, pugnando pla *ralé* e solapando os infames que a pretendem ainda esmagar.

Ainda ha pouco, a quando das infames deportações dos nossos camaradas de Santos, o que não faria a *Lanterna* se fosse diaria! Agora com a lei de expulsão, este monstro atirado contra o operario, contra todos que sem peias contribuem para a derrocada completa do regimen de opressões actual, o que ainda não faria a *Lanterna* se já fôsse diaria!

Se muito faz semanalmente, avaliemos o que poderia fazer diaria...

Em suma: a *Lanterna* diaria será o salva-vidas dos que lutam, dos que reclamam e protestam contra a trindade corrupta que tem trazido escrava a humanidade.

Rio, 19 — 1 — 913.

Cecilio Vilar

A' redacção da *Lanterna*.

A publicação diaria da *Lanterna* deve ser o desejo de todos que combatem o clero mau e perverso. E' preciso não dar treguas a esse monstro que explora a ignorancia e tem por alicerces o embuste, as tricas e a mentira. A joven Republica portugueza não tem encontrado na sua obra grandiosa de saneamento inimigo mais traiçoeiro e covarde. Todas as calamidades que pesam sobre o povo portuguez, depois da jornada de 5 de outubro de 1910, são obra desse clero bebedo, que abusando da ingenuidade de uns e da ignorancia de outros, os tem arrastado á praça publica em atitude agressiva. A' tolerancia da Republica os padres responderam com a traição, forjando os mais alarmantes telegramas e desacreditando a patria e a familia...

Estou preparando as malas para uma viagem á Europa, mas aqui ou lá, não nego meu auxilio á publicação diaria da *Lanterna*.

Rio, 21 de janeiro de 913.

Fonseca Moreira.

⁂

Um bravo á iniciativa da publicação diaria da *Lanterna*. Prometemos muito trabalhar para a sua maior propagação, aumentando o numero de assinantes, como tambem procurando obter um auxilio dos Conselhos Ganganelicos deste Estado, para que jamais possa paralizar tão eficaz actividade.

Rio Grande do Sul

Conselho Ganganeli.

⁂

Caros camaradas da *Lanterna*.

Foi com grande júbilo que li no numero 171 do nosso destemido baluarte que se deseja a sua publicação cotidiana.

Pela leitura da grata noticia vejo que se deseja saber a opinião dos amigos do jornal. E' com o intuito de dizer o que penso sobre isso, que escrevo esta.

Entendo que é uma aspiração justa, nobre e digna assim como dignos serão todo o homem livre, todos os elementos avançados que cooperarem em pról dêsse valioso tentamen. Da minha parte estou pronto a prêstar o modesto auxilio de que um proletario póde dispôr...

A *Lanterna*, que desde 16 de outubro de 1909 vem sustentando uma incessante batalha contra a cáfila negra de parasitas sociais que, pouco a pouco, vem dominando o Brazil, merece inegavelmente o nosso apoio, o apoio dos livres pensadores, dos homens emancipados desta terra.

Todos sabemos que um diario livre encontra óbices, dificuldades mil para a sua manutenção, experimentando na sua rota toda a sorte de vilanias: processos, ameaças, calunias etc., mas sabemos tambem que um diario desenvolve maior propaganda. A *Lanterna* poderá preencher sensiveis lacunas que todos sentimos na propaganda dos modernos ideais, proporcionando-nos uma secção de sã literatura e outros tantos meios de educar o povo.

Insisto, pois, em dizer que todos os admiradores da *Lanterna*, sem distinção alguma, devem oferecer-lhe o seu apoio, para vermos o mais depressa possivel nm cotidiano independente, liberal e de boa leitura, o unico no genero a publicar-se no Brasil.

Os companheiros da *Lanterna* queiram receber um cordial abraço de solidariedade pela feliz iniciativa.

Santos, janeiro de 1913.

José A. Lodio

SERMÃO DOMINICAL

O homem nascido na ignorancia, acaso poderá elevar-se aos pinaculos da boa cultura? Sim. Assim como vós outros, propagadores do evangelho do Cristo, conseguis viver explorando a crença ignobil com que conseguis turbar o germen da inteligencia dos vossos crentes, vivendo fartamente, enquanto que lhes predicaes os mais torpes conhecimentos que embrutecem a razão humana.

Assim quando vós, convictos, perguntais: Por ventura o homem morrendo viverá? Sim, vos repondo eu; não para a eternidade, não para gloria desse deus cuja existencia a vossa razão não acusa, não para o sofrimento eterno cuja existencia publicamente afirmais por mero interesse material (a prova é que viveis da igreja), mas de que intimamente duvidais. Não, não é e não será assim que o homem, morrendo, viverá, mas reviverá como parte infinitesima do cosmos na composição plasmica da natureza. A ela voltará, segundo as leis imutaveis que regem os mundos no eterno transformar da materia.

Acreditais ou fingis acreditar num mito negando a vossa propria natureza, (estou convencido que só o interesse material vos move); ignorais ou fingis ignorar a historia das religiões, de cujo tronco apodrecido nos veiu esse aleijão, essa contraproducencia, cujos frutos amargos muito têm feito sofrer a humanidade; deveis ter em vista Miguel de Servet e tantos outros que ousaram pensar, pensar fora do circulo de Roma, mas ás vossas vistas.

Ide procurar a geneologia do vosso Cristo, o Deus carneiro na palavra e sanguinario nos factos, e encontrareis a sua paternidade em Buda e tantos outros, que foram de utilidade aos brahmanes e respectivos usufrutuarios, assim como esse barbaro e rancoroso Jeová tem sido util a toda a casta de exploradores, bonzos e satrapas.

E' certo que o meio que vos serve de pasto presta-se admiravelmente ás vossas aspirações.

Só procurais trabalhar entre os soldados e os operarios inconscientes, e por isso elevais a patria e cobris de sorrisos amarelos e palavras doces aqueles que se vos entregam sem tugir nem mugir.

S. Paulo, 1912.

Augusto da Fonseca.

Aos nossos assinantes

Avisamos aos assinantes de Santos e da Linha Bragantina que por toda a semana que vem serão visitados por um nosso companheiro, que vai efectuar a cobrança.

Esperamos que todos se esforcem para se pôrem em dia com jornal.

Contra a lei-arrocho

Continuam os protestos dos trabalhadores emancipados

Sr. Edgard Leuenroth
Incansavel companheiro:

Utilizando-nos das francas colunas de vosso energico e digno jornal *A Lanterna*, mandamos á publicidade o seguinte protesto, de um grupo de livres-pensadores desta terra:

Considerando que a justiça não deve continuar privilegiada ou inversa no presente seculo, e que scientificamente o bem-estar é para todos e não para alguns;

considerando que o trabalhador mais esclarecido de hoje, sem distinção de nacionalidade, é o unico possuidor de experiencias proprias — oriundas das fatalidades a que suas circunstancias o têm arrastado, e que é, portanto, de ampla competencia para emancipar a humanidade oprimida;

considerando que o interesse individual da actualidade, em sua minoria, ainda é pretencioso em persuadir a humanidade livre de que é colectivo, e considerando que a inteligencia e cultivo, sem consciencia — são inuteis:

Vimos conscienciosamente protestar contra essa lei scelerada de expulsão, aprovada em dezembro p. p. pela maioria de legisladores da Camara Federal, e contra as brutalidades praticadas pela violencia organizada de Santos para com os camaradas dedicados ao trabalho.

Passo Fundo, 2 de janeiro de 1913.

Marcinio Gonçalves da Silva, João de Cesaro, Maximino Alves de Moraes, Divid Pinto, Florencio Della Méa, Maximino Alves Filho, Melano Michele, Pascoal Sacco, Otto Henrique Mallmann, Adolfo Gomes, Marciano Gonçalves da Silva, João Caetano de Oliveira, Victorio Reinel, Jacob Hersmann, Candido Possidonio da Rosa, Vicente Perez, Luiz Ricci, José Piovesan, Silvestre Bucco, Baptis Petroné, Milão Caneli Gaspero, Frederico Bartolar, Antonio Roma, Fioravanti Salvini, Manuel Fartanelli, Vicente Maimon, Clarimundo Pereira dos Santos, Antonio Ractr, Andurelino Marinho Silva, Busbo Luigi, Pedro Gomes da Rocha F. M., Hernesto Barbisan, João Fernandes Gomes da Silva, Narciso Gomes da Silva, João Brandis de Almeida, Francisco Waimann Sobrinho, Camilo Carullo, Guilherme Schilling, Emilio Cesaro, Marco Candini, Domingos Carzu, João Batista de Oliveira, Vicente Della Méa, José Reinelli, Pedro Gabriel, Lodovico Della Méa, João Sarturi, Pedro Bortolon, Reinaldo Gabriel, Miguel José Zill, José M. Solano.

A guerra europeia

O que ela custaria

Se na Europa estalasse um conflito armado, se a triplice aliança (Italia, Austria e Alemanha) declarasse guerra á triplice entente (França, Russia e Inglaterra) por causa dum porto que a Servia deseja possuir no mar Adriatico, seriam armados para cima de 20 milhões de soldados, cuja metade iria para o campo da batalha.

Essa mobilização, segundo os dados oficiais (exercito e marinha) seria:

Alemanha	3.600.000	homens
Austria	2.600.000	»
Italia	2.800.000	»
Russia	7.000.000	»
França	3.400.000	»
Inglaterra	1.500.000	»
Total	20.900.000	

As despesas diarias com esses soldados eram:

Alimentação: supondo, que não houvesse aumento de preço, 39 mil contos.

Penso para cavalos e muares, 3.600 contos.

Soldos e prets, 12.600 contos.

Ordenados aos operarios dos arsenais, dos portos, etc. 3 mil contos.

Gastos com a mobilização, 12 mil contos.

Transporte de sustento e munições, 12 mil contos.

Munições: para a infantaria a 10 cartuchos por homem e por dia, 12.300 contos. Para a artilharia a 10 tiros por canhão e por dia, 4.200 contos. Para a marinha a 2 tiros por peça e por dia, 1.800 contos.

Fardamentos, equipamentos, ... 13.200 contos.

Gastos com as ambulancias para 500 mil feridos e enfermos, 1.800 contos.

Carvão para os couraçados — marcha, 6 horas por dia — 1.800 contos.

Baixa dos fundos publicos motivada pela guerra, 30.000 contos.

Socorros aos indigentes, 600 réis por dia á decima parte da povoação, 20 mil contos.

Indemnizações, destruições de cidades, vilas e obras d'arte, 6.000 contos.

Total 173.300 contos de réis por dia.

Estas cifras devem ser aumentadas, porque no momento em que o conflito estalasse tudo subiria de preço. Os generos de primeira necessidade aumentariam muito de valor e os emprestimos necessarios efectuar-se-iam em condições desastrosas.

Mas tambem devemos ter em conta a destruição do material de guerra.

Se supusermos que a terça parte do material ficasse destruido em um mez aí estavam uns 3 mil contos perdidos todos os dias.

Os setenta couraçados inglezes, por exemplo, representam aproximadamente 2 milhões de contos. Se a terça parte desta esquadra fosse para o fundo do mar on sofresse graves avarias no periodo indicado, aí teriamos uma perda de 650 mil contos, 21 mil contos por dia.

As despesas com a guerra europeia podem, pois, orçar-se em 190 a 200 mil contos, diarios.

E se a guerra se declarasse pelo motivo indicado, no fim de quinze dias, haveria pelo menos 500 mil feridos e 100 mil mortos.

Todas as fabricas teriam de fechar; os campos ficariam desertos; o comercio paralizado; os bancos quebrariam, e nos Estados declarada a bancarrota.

A fome e as epidemias assolariam as cidades de Paris, Berlim, Viena, Moscou, Milão, Roma e Londres, pois todos os meios de transporte de genero e passageiros cessariam, sendo, portanto, impossivel prover á subsistencia de milhões de familias. Não restariam mais do que mulheres, crianças e velhos, tanto nas cidades como nas vilas e aldeias.

Meio seculo seria preciso para reparar as ruinas e apagar os odios. Vinte milhões de familias ficariam envolvidas na miseria, na dor e no pranto mais cruciantes...

Charles Richet.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

Portugal

OS BISPOS — Os mitrados portugueses prosseguem na sua campanha, franca ou encoberta, contra a lei de separação. Assim o arcebispo de Evora enviou ao clero pensionista da sua diocese uma circular incitando-o a renunciar á pensão ou pelo menos a declarar e cumprir estricta obediencia aos prelados. Com a circular ia um questionario, prometendo o arcebispo não dar publicidade ás respostas. Eis o questionario:

«1.º — Recebendo a pensão que lhe foi concedida pelo Estado nos termos da lei denominada «da separação», de 20 de abril de 1911, teve e tem a intenção de reconhecer e aprovar em todas as suas disposições a referida lei?

2.º — Ou antes, como sacerdote catolico, reprova e condena, em consciencia, quaisquer disposições desse e de outros diplomas legislativos ou governativos que sejam contrarios aos direitos da Santa Igreja Catolica, acatando, aliás, como cidadão portuguez, o regime politico e os poderes constituidos da nação?

3.º — Está disposto a renunciar á pensão, se não puder conserva-la, sem ter de praticar qualquer acto que implique transgressão das leis de Deus e da Igreja?

4.º — No caso de ter necessidade de se ausentar da freguesia a seu cargo, pedirá licença sómente a seu legitimo prelado ordinario; ou, pelo menos, não a solicitará do governo sem prévia autorização do mesmo prelado?

Espanha

MAURA E LA CIERVA — Os jornais europeus ocupam-se da retirada da politica destes dois assassinos de Ferrer, pelo facto de não haver o rei consultado o primeiro sobre a crise ministerial e chamado ao poder os conservadores A opinião geral, naturalmente, é que isto é mais uma consequencia do crime praticado contra Ferrer e os outros fuzilados de Montjuich: Maura e La Cierva inutilizaram-se «para governar ás claras». O seu regresso ao poder levantaria coleras e protestos, não só na Espanha, mas em tado o mundo.

Alguns jornais vêem em tudo aquilo uma manobra da monarquia para se salvar. A retirada de Maura e La Cierva dava prestigio liberal ao rei e habilitava ao mesmo tempo o partido conservador a voltar em melhor ocasião ao poder, sem aqueles chefes comprometedores, ou pelo menos sem a sua chefia publica e manifesta.

França

ESTATISTICA SINDICAL — O *Bulletin de l'Office du Travail* publicou os resultados do movimento sindical francez em 1911.

No primeiro de janeiro de 1912 havia 5.217 sindicatos operarios, confederados ou não, com 1.064.413 socios (98 sindicatos menos e 35.174 associados mais do que em 1910). Estes sindicatos editavam 154 publicações diversas e tinham 1.137 agencias de colocação.

A proporção dos operarios associados era notavel nas industrias mineiras (32 o/o); nos transportes, manutenções e comercio (30 o/o); na construcção civil (27 o/o) e nos produtos quimicos 23 (o/o). Era muito pequena na agricultura (2 o/o), nos criados (2 o/o) e na industia do vestuario — altaiates, costureiras, tintureiros (5 o/o).

Italia

A AMNISTIA — Giolitti concedeu a amnistia aos condenados politicos, vindo por isso para a rua Maria Rygier, nobre e corajosa propagandista do anarquismo, que, pertencendo a uma familia rica e bem colocada, abandonou os privilegios para se votar de corpo e alma á causa da emancipação social. Mantida na prisão apesar do seu precario estado de saude, era causa de inumeros protestos dentro e fora da Italia, intensificando-se cada vez mais a agitação. A amnistia livrou o governo desse incomodo,

Mas não satisfez os revolucionarios, que a acham mesquinha. Assim, o orgão da União Sindical Italiana, *L'Internazionale*, de que é redactor principal o nosso amigo Alceste De Ambris, considera-a uma burla e anuncia que a agitação continuará para reclamar: amnistia para os delitos militares e de difamação (pretexto para perseguições politicas); supressão dos artigos 151, 246, 247, 248 e 252 do codigo penal; abrogação da lei excepcional Crispi; modificação dos art. 393 e 394 do codigo penal; regime especial para os presos politicos.

Austria

A MOBILIZAÇÃO — A' data das ultimas noticias, já eram terriveis os danos causados só pela mobilização do exercito. Imagine-se então uma guerra!

Foi suspenso o comercio de exportação, por estar o material ferroviario ocupado pelo transporte de tropas; nas fronteiras orientais cessou quasi de todo a importação; inumeras oficinas tiveram de fechar, indo para a rua os operarios (sem contar os que foram para o quartel); elevou-se o custo da vida, por falta das carnes e produtos agricolas sérvios e bulgaros; situação critica para os bancos e caixas economicas; falta de credito; falencias sem conta. As perturbações, diz um jornal financeiro, «excedem tudo o que se pode escrever»; «a mobilização... abalou para muito tempo a prosperidade do paiz».

E foi só a mobilização!

Turquia

OS MALES DA GUERRA — São sobretudo: a colera, a febre tifoide, a desocupação... e os impostos. Os operarios de Constantinopla, em dolorosas cartas ás associações sindicais dos outros paizes, queixam-se amargamente da terrivel situação ali criada pelos infames causadores da guerra. A desocupação é enorme; os impostos, sob pretexto de «defesa da patria», são exigidos com vielencia, sucedendo-se as penhoras; a emigração aumentou consideravelmente. Um horror!

Em todo o Oriente, redobrou a furia repressiva das autoridades. Todos os gestos, protestos e queixas dos operarios são suspeitos, vigiados e reprimidos. Apesar de tudo, estalou uma corajosa greve de manipuladores de tabaco em Constantinopla!

Até no Egipto, no Cairo, se repercute a repressão. O operario turco Nicos Dumaz, activo propagandista sindicalista revolucionario, foi preso e expulso, apesar de residir do Cairo havia onze anos. Cá e lá...

Grecia

CONTRA A GUERRA — Embora pouco numeroso, o partido socialista grego protesta altamente contra a guerra, considerando-a, não libertadora, mas contraria aos interesses da classe operaria e da civilização, «da qual os Estados balcanicos ousam tão descaradamente dizer se fautores». A Grecia não faz senão «devastar as cidades e aldeias agricolas do Epiro e da Macedonia», O protesto termina afirmando que na Grecia existe felizmente o indispensavel para um movimento operario e que ha lá um bom nucleo de trabalhadores instruidos.

China

DIARIO SOCIALISTA — O congresso «socialista» de Nanquim (3 mil congressistas) fixou a organização do partido e deu melhor redacção ao seu programa. A assembleia resolveu a fundação dum orgão diario do partido, o *Republicano Chinez*, designando como redactor em chefe o secretario particular de Sun Yat Sen, Masu. Trata-se de um socialismo muito palido, mais moderado ainda do que o dos politicos social-democraticos do ocidente.

Estados Unidos

LIBERDADE! — Foi preso em Kansas City um cidadão porque, num pique-nique socialista, trazia ao peito um prancheta com estas palavras: «Deus e a alma são mitos.» Os cristãos costumam ali fazer propaganda das suas ideias daquele modo e nunca são incomodados. E' assim que os politicos norte-americanos (e alguns outros) entendem a neutralidade do Estado e a separação ante este e as Igrejas!

Madagáscar

OS MISSIONARIOS — Os «apostolos» cristãos exercem na ilha um despotismo e uma exploração sem freio, arrancando aos indigenas, incapazes de resistir, uns 7 milhões de francos por ano.

Entretanto, em Tananarive organiza-se a resistencia, como o prova uma brochura documentada e elucidativa, da qual *La Pensée*, de Bruxelas, dá um extracto interessante.

UM BEATO

Dedicado á intemerata redacção da "LANTERNA".

Ei-lo, passando vai... Irmão de confraria,
é perfeito exemplar da grei de Torquemada,
da qual o padre nega (oh, deuses, quem diria?...)
a seiva da razão depois de amordaçada!

Tem sempre na feição cretina e degradada
a côr de vela acesa em leito de agonia;
é feio, astuto e mau, pois bem se vê que a cada
momento — de revés — nos olha e... desconfia.

Todo ele sintetiza a fera em corpo humano,
a fogueira espanhola, a mentira da cruz
e a velha malvadez, onde sempre reluz

de assassino um punhal! Tem ares de um arcano
de tréva, mas — curvado ao brilho de uma estola —
engole um Deus por dia o... filho de Loyola!

PIRACICABA, AGOSTO DE 1912.

Dr. Ozorio de Souza.

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

A comissão administrativa da Liga comunica a todos os seus associados e amigos que está organizando a sua biblioteca, para a qual pede a remessa de livros e folhetos.

***

Quinta-feira, 6 de fevereiro, ás 8 horas da noite, assembleia geral ordinaria.

Ordem do dia: — eleição da nova directoria para o ano de 1913 — Comissão Administrativa e Comissão de Propaganda.

Leituras do balancete do mez de janeiro e da acta da ultima assembleia.

Os associados que não estiverem quites não poderão tomar parte nas deliberações.

Pela directoria, *C. A. de Lacerda*, 1.º secretario.

DIVERSÕES

Palace-Teatre — Inaugurou-se na quinta-feira esta confortavel casa de diversões, situada na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, com a Companhia Juvenil de Operetas, que levou á scena a apreciada opereta *Casta Suzana*,

Todos os espectaculos ali realizados estiveram muito concorridos e os artistas foram aplaudidos.

Durante os tres dias de Carnaval haverá neste teatro bailes «masqués».

Teatro Colombo — Estiveram muito concorridas as funções cinematograficas realizadas durante a semana neste apreciado theatro, tendo sido exibidos excelentes films.

Hoje haverá espectaculo com escolhido programa, e amanhã, ás 2 horas da tarde, realizar-se-á mais uma boa matinée, na qual serão exibidos os melhores films.

Durante os tres dias de carnaval, domingo, segunda e terça-feira, realizar-se-ão grandes bailes carnavalescos.

VIDA OPERARIA

EM CRAVINHOS

Infame perseguição — O movimento operario tem tido ultimamente um animador desenvolvimento nesta cidade.

Os trabalhadores, depois de muito tempo de esmagadora apatia, decidiram-se afinal a trabalhar tambem um pouco em favor da sua causa, organizando a União Operaria, que já reune um bom numero de associados.

Isto, é claro, não podia agradar aos exploradores do suor alheio, que não podem ver com bons olhos o despertar da consciencia das vítimas da sua ganancia açambarcadora.

E como agora, com a sua união, não será tão facil que os trabalhadores se deixem ludibriar, esses que outrora foram operarios, bachareis ou vendedores de bilhetes e que se esquecem de que já andaram com as calças remendadas, estão procurando, de um modo vergonhoso, prejudicar os companheiros mais activos no movimento.

Para perseguirem esses operarios, que vivem e sustentam os seus filhos com o produto do seu penoso e mal remunerado trabalho, andam agora esses senhores que vivem do suor alheio, de ponta em ponta a pedir a toda a gente para não lhes dar serviço, organizando contra eles uma infame boicotagem.

Tenham cuidado, porêm, esses que passaram para o lado dos escravocratas, e deixem em paz aqueles que ganham honestamente o seu pão.

Metam a sua viola no saco porque lhes poderá sair o tiro pela culatra...

Tomem nota do aviso... — *A. M. A.*

***

Menores explorados — Não posso deixar de tornar publico o que se passa na oficina mecanica de Briza Irmãos desta cidade, com respeito ao trabalho dos menores.

Com uma deploravel falta de consciencia, dominados com certeza pela ganancia, os tais srs. obrigam as crianças a trabalhar em perigosas maquinas que nem sequer elas conhecem, expondo-as aos perigos das engrenagens e das polias.

A triste consequencia desse abuso inqualificavel é serem as pobres crianças apanhadas pelas engrenagens e serras circulares, como já tem acontecido.

Procedem mal os srs. Briza, que, além do pouco caso pela vida dos menores, são tambem pouco corteses para com todos os que em sua oficina trabalham.

Aí fica o meu protesto. — *H. N.*

A "Lanterna" em Sete Lagoas

(MINAS)

Ha tempos publicou o *Estado de S. Paulo*, de sua sucursal em Roma, um telegrama dando conta da condenação, a 14 mezes de prisão e ao pagamento de 600 liras, imposta ao nosso (deles) vigario «dr.» Teofilo Sansoni. Este caso os nossos leitores já tiveram ocasião de ler, pois um nosso valente companheiro, que aqui já residiu, transcreveu o telegrama na *Lanterna*.

Pois bem. Os nossos leitores já sabem qual o «valiente» personagem de que se trata: nem mais nem menos do que do santo e casto padre Sansoni, filho da bela patria do Dante e... do Consoni, muitissimo conhecido ministro de Deus e que, por ser casado e imoral, foi enxotado pelo corajoso povo de Carangola. Este hipocrita, apesar de abaixo-assinados de meia duzia de crianças e alguns carolas (pobres de espirito como todos o são) desta cidade, fôra, pelo bispo d. Silverio, enviado para a cidade de Carangola.

Estavamos descansados, mas eis que um belo dia apareceu novamente aqui o padre Sansoni.

O que teria acontecido?

Fôra ele expulso de lá e... a nossa cidade ainda o aconchegava como um «santo» ministro.

Pensavamos que já teria partido para a Italia. Seria verdade?

Qual! Voltou. Ainda continúa aqui? Sim! Continúa e continuará eternamente.

Infeliz Sete Lagoas!

***

A matriz daqui estava indecente, pois ha anos uma violenta chuva de pedras, vinda do céu, e tambem o corroer dos anos, furou miseravelmente as paredes. O Sansoni, achando que aquilo não era senão o sinal da decadencia religiosa em nossa cidade, e para captar a simpatia do beaterio, arranjou umas meninas para tirarem a respectiva esmola para os concertos e elegeu um caixa do arame. Este é um conhecido carola negociante, que ha anos formava *rôlos* na igreja, batia em padres e... o diabo.

Pois bem. O povo, cansado da esfola, resolveu fechar as algibeiras. Os concertos pararam.

Mas, nem por isso faltou ao padre esperteza, o que lhe é peculiar. Ele é o maior inimigo dos nossos rapazes, que não comem da bola e que mostram que são do seculo XX.

Mas escreveu mesmo assim a cada um, ajudado por um pedante creolinho carola, convidando-os para uma reunião na igreja.

Os rapazes, todos filhos das familias da melhor sociedade setelagoana, talvez por espirito de curiosidade, lá foram.

Prègou-lhes o Sansoni um sermão e expoz os fins da reunião: era para os rapazes, em comissão, pedirem esmola... para os concertos da matriz (casa de diversões e namoro) e depois de prontos os concertos, mandarem gravar em grandes letras, em alto relêvo, no altar-mór, dizeres relembrando o ano da victoria de Constantino (o imperador que impingiu ao povo romano o Cristianismo).

Alguns rapazes, que não são tolos e são civilizados, deram o fóra. Os outros, carolas, ficaram, mas não quizeram pedir esmolas nas ruas, pois acharam isso ridiculo e... fora da moda, para uma cidade que é toda entrelaçada de fios electricos e que quer ser civilizada.

Muito contrariados chegaram a sair um domingo, mas... (não se riam) só arranjaram para as obras, que foram orçadas em 600$000, a quantia de 500 réis! Calculem!

E... *In hoc signo vinces!*...

Sete Lagoas, 22 — 1 — 913.

Myself.

Reconheço que a religião é um freio...

Conselheiro Acácio.

UM ARGUMENTO DE PESO

Correu a imprensa europeia o seguinte facto:

Recentemente, em Padua, duas mulheres viram um tonsurado entrar numa casa de prostituição. Coisa, aliás, natural... Mas o povo, informado pelas duas mulherzinhas, quiz surpreender nos seus castos exercicios... espirituais o casto sacerdote. A policia acudiu e defendeu a entrada do templo... de Vénus, ao passo que a "patroa" dava ao sotaina um niveo e virginal "complet" — branco como a inocencia... O diabo era a gordura do padre; ficava a estalar dentro daquele estojo de gente. Por isso, quando apareceu na rua, assim vestido, estalou uma enorme gargalhada do publico, que perseguiu a grutesca criatura, escoltada pela policia, e a cobriu de vaias e pilherias, gritando: "Levem-no ao bispo!" Para subtrair o padre disfarçado ás troças populares, a policia levou-o para o municipio, introduzindo-o na sala das sessões. E eis o mais picante do caso: havia sessão, e na ordem do dia figurava uma proposta para restituir ao clero, no interesse da educação da juventude, uma parte de influencia nas escolas!

O padre de branco era mandado por uma "patroa" como um argumento vivo. E de peso!...

Muito se riu o diabo naquele dia!...

Seção amena

Segundo refere o Freidenker, *de Milwankee, um pastor metodista, irritado contra um taberneiro que se estabelecera junto do templo, prégou contra ele no pulpito, votando-o á vingança divina. Ora, com efeito, algum tempo depois, durante uma violenta trovoada, um raio incendiou a taberna. Castigo do céu! proclamou logo, do pulpito, o pastor.*

Ah! sim? disse o taberneiro, que tomou testemunhas. E fez o seguinte raciocinio: se Deus me incendiou o estabelecimento, o pastor que se diz representante dele e que, para mais, pediu em publico a intervenção do patrão, é responsavel, na Terra, pelo prejuizo causado. Pensando assim, encarregou um advogado de obter nos tribunais uma indemnização por perdas e danos, do bolso do pastor. Deu-se isto em Stroudsburgh (Pensilvania).

Os raios costumam cair nas igrejas... Desta vez houve descuido da Providencia...

Dois operarios discutiam sobre a divindade e seus atributos. Um deles, o mais ceptico, punha, por exemplo, certas duvidas e restricções á omnipotencia de Deus.

— A Deus nada! nada! absolutamente nada é impossivel! clamava o outro, exaltado.

— Ora façamos uma suposição, objectou o sceptico. Eu e Deus jogamos a bisca — é uma suposição, é claro. Eu tenho o ás de trunfo, jogo-o e digo: Sr. Deus, corte-me lá isso, se é capaz! Hein?

Definição:

Taumaturgo — aparelho automatico, muito atraente, que recebe os níqueis, mas não funciona.

A "Lanterna" em Portugal

E' nosso representante em Lisboa, autorizado a tratar de tudo que se refira a esta folha, o cidadão Neno Vasco, residente á rua da Barroca, 94, 2.º

Pelas publicações

O Gato — Revista de caricaturas — Largo da Carioca, 6 — 1.º — Rio de Janeiro.

Continuamos recebendo com pontualidade a visita semanal deste lindo album de caricaturas e de humorismo, onde esplendem os lapis causticantes de Seth, de Vasco e outros e as penas bem trenadas de cultores de fina sátira.

O *Gato*, como já uma vez aqui dissemos, não é uma dessas revistas banais que estamos acostumados a ver por aí, cujo unico intuito é provocar um riso vão, tratando sem criterio de melindrosos assuntos. O *Gato* sabe provocar o riso, um riso gostoso, ao mesmo tempo que nos faz ver as mazelas do nosso meio social, ao mesmo tempo que combate as vilanias e as explorações. Uma boa revista.

Recomendamo-la francamente aos nossos leitores.

***

Lucifer — Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Temos recebido este nosso confrade ilustrado, decididamente anticlerical e de tendencias libertarias, que se publica ha já cinco anos na progressista capital do Estado gaúcho. O *Lucifer* é um valente, bem lhe cabendo o titulo que adoptou. Vem sempre cheio de boas gravuras e com selecta colaboração. Dirigem as caldeiras do nosso prezado irmão os srs. Franco Carmelo Longo, redactor-responsavel, e Antonio Ghirotti, administrador.

O seu endereço é: Rua Voluntarios da Patria, 91 A, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Desejamos que por muitos anos e bons o excomungado *Lucifer* continue estorricando nas suas caldeiras, dizemos nas suas colunas — os santos padres et caterva, causodores dos males que infelicitam a raça humana.

Pequenos écos

Boas festas — Temos ainda sobre a mesa cartões de boas festas dos seguintes correligionarios e amigos:

Sr. José Domingues de Almeida, de Porto Alegre; sr. Galdino de Medeiros, de Juiz de Fóra; major Ernesto Pena, de Irara; sr. Aurelio Della Nina e exma. familia, de S. Paulo; sr. Braz L. Limange e exma. familia, de Goyaz; sr. Manuel Garcia e exma. familia, de S. Paulo; sr. Juvenal Cruz e exma. familia, de Porto Alegre; sr. J. M. Bueno. de S. Paulo; sr. Lazaro de Camargo, de Votorantim; sr. Adelino Simões e d. Maria Simões, de Uberaba, e das seguintes instituições: Liga Operaria, de Pelotas; Guarany Foot-Ball Club, de Bagé; S. União Operaria, de Jaguarão; Centro Espirita Eduardo Siqueira, de Belêm.

Com o augurio de farta messe de felicidades, a todos enviamos o nosso agradecimento.

Convites — Distinguiram-nos com os seus convites as seguintes colectividades:

Sociedade Internacional Beneficente dos Chauffeurs, desta capital, para a festa em comemoração do seu primeiro aniversario, realizada no dia 9 do passado no Salão Celso Garcia;

O Club C. Saca- Rolhas da cidade do Rio Grande, para o baile familiar á fantasia que se realizará hoje;

O Casino Lorenense, de Lorena, para o sarau literario e dansante que para solenizar a posse de sua nova directoria realizará hoje 1º. de fevereiro.

Envelopes Mazetti — Dos srs. Mazetti Irmãos recebemos uma amostra dos interessantes envelopes de sua invenção.

São realmente recomendaveis pela sua elegancia e comodidade.

Consorcio — Do companheiro J. M. Bueno recebemos a seguinte participação:

« Participo-te o consorcio da minha prima Josefa Bueno Hidalgo, filha do sr. Antonio Bueno Sanchez e de d. Izabel Hidalgo A. Bueno, com o sr. José Garcia Gomes, hontem realizado em minha residencia, á rua Nova São José, 97. Excusado é dizer que « o padre » não interveiu, pelo que perdeu mais um futuro cliente da pia... »

Felicidades.

A aparecer brevemente

"TERRA LIVRE"

Semanario anarquista de Lisboa

Orgão da luta social e economica — Tribuna amplamente aberta ás reivindicações dos trabalhadores. Analise e comentarios dos factos capitais da vida social e politica portuguesa — Desenvolvido noticiario do movimento operario internacional — Desenhos e caricaturas demolidoras — Concursos scientificos e inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da região portuguesa — Correspondencia da provincia e do exterior — Secções de sciencia, filosofia, arte, educação, literatura e crítica.

Corpo redatorial — Sobral de Campos, Neno Vasco, Edmundo d'Oliveira, Carlos Rates e Pinto Quartim.

Colaboradores — Bel Adam, Antonio Alves Pereira, Araujo Pereira, Bernardo de Sá, Campos Lima, Emilio Costa, Jorge Coutinho, Jorge Campelo, Humberto d'Avelar, Ismael Pimentel, João Branco, Joaquim Domingues, José d'Almeida, José Bacelar, José Benedy, José Carlos de Souza, Manuel Ribeiro, Virgilio de Sá e outros.

"Terra Livre" aparecerá ás quintas-feiras, com 8 paginas de compacta leitura, ilustrada e com atraente aspecto tipografico. Preço da assinatura para o Brasil: 5$ por ano.

Provisoriamente toda a correspondencia deve ser dirigida a Pinto Quartim, rua da Barroca, 94, 2.º, ou rua do Carmo, 16 — Lisboa.

Pedidos a esta redacção.

Postais de Ferrer

Temos á venda postais com o retrato de Ferrer.

Preço: 1 duzia 1$500 e avulso 200 réis.

LA BATAILLE SYNDICALISTE

10, BOULEVARD MAGENTA — PARIS

Interessante diario sindicalista revolucionario.

Colaboradores: Merrheim, Monatte, Harmel, Roudine, F. Delaisi, James Guillaume, Malato, Laisant, S. Faure, Madalena Vernet, Griffuelhes. Jouhaud, Yvetot, Vigné d'Octon, etc.

Um ano	31 francos
Meio ano	16,50 »
3 mezes	9 »

PEDRO KRAPÓTKINE

OS BASTIDORES DAS GUERRAS

Brochura de 24 paginas

Edição da *Sementeira* de Lisboa

PREÇO: 100 RÉIS

A' venda nesta administração

E' um opusculo interessantissimo e de grande actualidade, no qual o ilustre autor se ocupa das principaes causas e factores das guerras modernas: desenvolvimento da grande industria capitalista, que produz para vender e exportar, não para o consumo; rivalisade industriais e comerciais; interesses da alta finança, das industrias militares e do exercito prefissional. Krapótkine faz por fim um quadro e-polgante e documentado dos males da guerra, dos seus terriveis efeitos para os pobres: a carnificina, a epidemia, o retrocesso nas ideias, as profundas crises economicas, a desocupação, etc. E' enfim um estudo que é preciso ler.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM. largo do Rocio, 32.

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quesada.

Avenida Passos, 122, engraxate.

Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, Villa Izabel, com o sr. Pedro B. Matera.

LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario comunista-anarquista com suplemento literario.

Um ano	8 francos
Meio ano	4 »
3 mezes	2 »

"A Sementeira"

Publicação mensal ilustrada de crítica e sociologia de Lisboa.

Insere retratos e biografias de escritores e artistas revolucionarios e livres pensadores, como (entre os ultimos puplicados) Wagner, Ema Goldman Tchernicheusky, Rapisardi, Guyau.

Assinatura anual: 1$200 (moeda brasileira).

Assina-se nesta redacção.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

agencia de jornaes, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

Ventura Sierra, rua Major Diogo 150-A.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

EM PORTUGUÊS

Saturnino Barboza, *Ensaio de Critica Racionalista*	1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*	1$500
Raimundo Reis, *Breviario*, (Versos liricos)	3$000
Luiz Bulfi, *Greve de Ventre* . . .	$200
A. D. White, *Historia da Luta entre a Sciencia e a Teologia* . .	3$000
Reflexões (verdades para o povo)	$300
Almanaque d'«O Livre Pensador»	$800
Guilherme Dias, *O que é o Celibato*	$200
Domingos Zapata, *As 67 celebres perguntas*	$200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja*	$200
Pedro de Melo, *Sonho Dantesco*	$200
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno*	$200
Natanael Pereira, *A Educação religiosa*	$200
José Prat, *A burguezia e o Proletariado*	$300
José Benedy, *Pedras Toscas* (versos livres)	$200
Enrico Malatesta, *A Anarquia*	$400
Chave do Esperanto	$100
Prito Bettencourt, *Catecismo Ateu*	$200
José Rizal, *Noli me tangere* . . .	$800
A. de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
H. Malatesta, *Programa socialista anarquista-revolucionario*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* .	2$000
Otaviano Reinelt, *Um como não ha muitos*, (comedia de costumes nacionaes em 2 actos)	1$000
Carlos Dias, *Semeando para Colher*	$200
Paulo Bertheloth, *Evangelho da Hora*	$200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno*	2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)*	2$000
Fernando Pelloutier, *A União dos Sindicatos e a Anarquia* .	$200

EM ESPANHOL

Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
André Girard, *Educación y Autoridad Paternal*	$100

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
Dios, por Suñer y Capdevila.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que se comen los curas, por Frey Gerendio.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.

Obras da Escola Moderna de Barcelona

Cartilla, primer libro de lectura	1$000
Las Aventuras de Nono. Segundo libro de lectura, por Jean Grave, 1 volume	1$800
El Niño y el Adolescente. Desarrolo normal — Vida libre. Segundo libro por Miguel Petit, 1 volume	1$800
Preludios de la lucha. Segundo libro por F. Pí y Arsuaga 1 volume	1$800
Sembrando Flores. Segundo libro por Federico Urales, 1 volume	1$800
Correspondencia Escolar (primer manuscrito) por Carlos Malato	1$800
Tierra libre. Fantazia comunista) por Jean Grave, 1 volume	1$800
Origen del Cristianismo. Quarto libro de lectura, 1 volume . . .	1$800
Psicologia E'tnica importantissimo estudio científico-sociológico de la humanidad, 4 vol.	7$200

Todas as obras acima são encadernadas.

Pelo correio mais 300 réis por volume.

Nesta redacção ou com o agente Antonio Orelhana, Rua Alegria, 49 (Braz).

EM ITALIANO

Enrico Ferri, *Dal Microbio All'uomo*	$200
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana* . .	$200

EM FRANCÊS

Les Prisons, Pierre Kropotkine,	$300
L'Esprit de Révolte » . . .	$200
René Chaughi, *La Femme Esclave*	$100
Jean Grave, *Léntente pour l'action*	$200
Elisée Reclus, *A mon Frére le Paysan*	$200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution*	$200
Urbain Gohier, *Aux Femmes* .	$100
E. Malatesta, *Entre Paysans* .	$300
M. Nettlau, *La responsabitité et la Solidarité dans la lutte ouvriére*	$200
Marc Pierrot, *Sur L'individualisme*	$300
Louis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique*	$100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére*	$100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat*	$100
» » *L'Esprit de Révolte* .	$200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage*	$200
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale* . .	$100
Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics*	$100
Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politicien*	$100
Les Temps Nouveaux, *Contre la Guerre*	$200

FOLHETIM DA LANTERNA (31)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

VIII

O POMBAL

como os moradores já estavam deitados, só ao segundo chamamento é que apareceu a uma janela o barrete de algodão dum aldeão.

— Que quereis? perguntou o homem.

— Quereis dar-nos hospitalidade?

— Ide para a hospedaria.

— Antes queremos pousar aqui. Decerto não rejeitareis o ganho dum escudo de prata.

— Mas eu não tenho cama para vos dar...

— Ora! Basta-nos um saco de palha no celeiro...

— Então, está bem, disse o camponez, cuja cabeça desapareceu logo.

Dois minutos depois, abriu-se a porta.

— Entrai, senhores.

— Temos de acomodar primeiro os nossos dois cavalos.

— No estabulo não falta lugar.

Alojados os cavalos, entraram os três homens na sala comum, dizendo Estocada:

— Aqui está um escudo.

O rustico examinou a moeda e guardou-a, dizendo:

— Vou ensinar-vos a escada do celeiro.

— Um momento: vamos fazer um trato.

— Vejamos, disse o picardo, sentando-se.

— Quanto quereis por dia para alojar e dar de comer a nós e aos nossos cavalos?

O aldeão coçou a orelha, tentado pelo negocio, mas receoso. Mas ao ver nas mãos de Estocada a bolsa de dinheiro, negligentemente agitada, as suas hesitações cessaram.

— Bom: pelos dois, serão vinte soldos. E' demais?

— Trato feito. E os cavalos?

— Ah! os cavalos... Este ano falta o feno, e a aveia custa os olhos da cara... Pelos dois cavalos e por vós, senhores, não podem ser menos de seis libras. E ainda perderei...

— Seja o escudo de seis libras, disse Estocada. Amanhã ficaremos aqui todo o dia, e talvez depois de amanhã...

— A's vossas ordens! disse o camponez, satisfeito.

— Mais uma palavra: tendes um pombal? Parece-me que o vi.

— Tenho, sim, disse o rustico surpreendido com a pergunta.

— Bom. Preciso que me autorizeis a subir a ele quando quizer.

— Não assustando as pombas...

— Não tenhais cuidado. Entendo de pombas e não podeis imaginar quanto gosto de subir a um pombal! Quasi sempre se distruta dali uma vista lindissima.

— Uma vista lindissima?! exclamou o aldeão assombrado.

— Sim descobrem-se coisas interessantes.

— Pois enganais-vos. Do meu pombal só se vê o interior do convento, freiras aos pares num jardim de pouca vista...

— Não importa. Gosto de subir aos pombais. Confesso a verdade: ando a estudar a vida e os costumes das pombas para escrever um livro.

— Ah! disse o aldeão com respeito. Pois pelas seis libras fareis o que vos aprouver.

— Está dito! Outra coisa...

— Dizei...

— Em quanto eu estiver em vossa casa com este meu amigo, que é tambem um sabio, cada dia pagarei de manhã as seis libras de prata Mas se a alguem dizeis quem tendes em casa, corto-vos as orelhas e chego fogo á granja. Está entendido?

— Entendo, sim, senhor, respondeu o rustico assustado. Não falarei.

— Mas vossa mulher? os criados?

— Está bem: eu cá me arranjo.

— Bom: muito cuidado!

O lavrador convidou então os dois a segui-lo e, atravessando um pateo, parou diante duma escada de mão:

— E' por aqui... Boas noites...

E voltou logo para casa, atrancando a porta, em quanto os dois amigos subiam ao celeiro.

— Vamos ficar aqui como reis, disse Estocada arranjando alguns feixes de palha.

— Com mil raios! Não tam bem como nas camas do castelo de Francières.

— Mas melhor do que na estalagem do Ceu Descoberto, onde tantas vezes temos pernoitado em noites de frio e chuva. Que grande sibarita é este Cabeça de Ferro!

Dez minutos depois, os dois roncavam, e ao amanhecer estavam de novo a pé.

Pelo postigo do celeiro, Estocada viu os muros do convento e tambem a porta principal.

— Vês a portaria do convento? perguntou ele a Cabeça de Ferro. Tem de a vigiar daqui: em vendo entrar ou sair alguem, avisa-me.

— Vais para o pombal?

— Justamente.

— Percebo. Eu vigio a saida e o exterior e tu lá de cima vigias o interior.

— E's o homem mais sagaz que tenho conhecido, Cabeça de Ferro. Mas isso não é tudo: repara bem se sai a freira que ontem encontrámos. Preciso de lhe falar. E's capaz de a reconhecer?

— Diabo! São todas parecidas...

— Sim, mas, se não me engano, aquela deve levar uma cesta e dirigir-se para a cabana.

— Bom, hei-de reconhecê-la...

— Alêm disso, há ali dois frades. Se algum deles aparecer...

— Logo te avisarei.

Estocada foi instalar-se no pombal, um grande pombal de campo, onde podiam estar á vontade dois homens. As pombas, a principio assustadas, em breve se familiarizaram com o seu hospede silencioso e imovel.

Estendido ao comprido, o gascão examinava o interior da cêrca do convento. Havia um jardim de honra, enquadrado por construções baixas, menos a do fundo. Por trás, era a horta.

Do seu observatorio, Estocada assistiu á vida inteira do convento. Viu as freiras irem para a capela, para o refeitorio, para o recreio. O recreio era um passeio, aos pares, sob as arvores da horta, em quanto os frades passeavam no jardim. Dia de aborrecimento para os dois amigos, assim como o segundo. O terceiro dia foi melhor: ás nove da manhã, Cabeça de Ferro chamou de repente o companheiro, que desceu logo do pombal.

— A freira acaba de sair, com a cesta!

Momentos depois, Estocada, seguia o caminho que conduzia á cabana de Germano. Adiante ia, com efeito, a monja, que entrou na choupana. Uma hora depois, saiu e Estocada então acercou-se dela, dizendo em tom amavel:

— Não é verdade, irmã, que ha dias vos assustastes muito com aquele cão que vos seguia?

— Senhor, disse a freira, estugando o passo, é-nos vedado falar com os transeuntes, salvo para informes muito necessarios.

— Pois é justamente para isso que quero falar-vos.

— Que quereis dizer-me? perguntou a religiosa com surpresa.

— Aquele cão pertenco a um amigo meu... o sr. Cavaleiro de La Barre.

Estocada esperou o efeito produzido por este nome. O efeito foi enorme e superior ao que ele podia imaginar, pois ignorava inteiramente os amores do Cavaleiro e de Flor de Maio, o rapto e até a existencia da jovem. O plano do gascão era descobrir e embaraçar os inimigos de Salverio e dos amigos deste. Percebera que eram o conde de Belleval e Gerfaut, tendo por agentes D. Mafio e frei Oremus: queria apoderar-se dos dois frades.

A freira parou de chofre, toda perturbada.

— O Cavaleiro de La Barre? Conhecei-lo?

— Tenho a honra de ser amigo dele. Tambem o conheceis?

— Não... Senhor! se sois amigo do Cavaleiro, rogo-vos me digais onde está ele agora...

O gascão desconfiou, ouvinds o pedido.

— Perdoai, mas não respondo, irmã.

— Desconfiais de mim, por ele estar acusado de sacrilegio...

— Ele?!

— Não o sabieis? Pois bem, senhor, no interesse dele, no interesse duma pessoa que lhe é muito querida, dizei-me onde se encontra...

— Ha um meio de arranjar tudo: dizei-me o que quereis que ele saiba. Dentro de duas horas, estará informado.

— Meu Deus, meu Deus! Não posso dizer-vos nada... e no entanto... Que fazer?

A freira parecia muito agitada.

— Ouvi, senhor, disse ela de repente, podeis levar-me junto do Cavaleiro?

— Isso, sim. Já, se o desejais.

— Hoje, é impossivel. Mas dentro de três dias, á mesma hora, esperai-me aqui...

— Aqui estarei, irmã.

Ia a freira afastar-se, quando Estocada a reteve:

— Irmã, um favor: quem são os dois frades que estão no vosso convento?

— Frei Oremus e D. Mafio...

— Bem sei; mas que fazem eles ali, num convento de freiras?

A freira hesitou, examinando a fisionomia do gascão, e por fim disse em voz baixa:

— Visto que sois amigo do Cavaleiro, é preciso que o saibais: os frades estão ha sete dias no convento, esperando da superiora o papel que hão de levar ao sr. arcipreste Gerfaut...

E a carmelita, palida, afastou-se rapidamente, deixando todo confuso o gascão, que voltou lentamente para casa do lavrador. Que papel seria aquele? Sabê-lo-ia da carmelita, três dias depois. Mas era preciso mais do que nunca vigiar estreitamente os dois frades.

Ao chegar, Estocada escreveu a lapis um bilhete, que Cabeça de Ferro foi levar logo ao castelo, em quanto o gascão voltava para o pombal.

Duas horas após o recreio, apareceu na horta do convento uma carmelita, acompanhada por uma jovem sem habito. Na carmelita

(Continúa).